

A linguagem popular da sociedade de Buenos Aires por Roberto Arlt

Carolina Veloso Costa¹

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve reflexão a cerca da sociedade de Buenos Aires nos anos 30 a 45 do século XX, a partir da vida e obra de Roberto Arlt. Durante este período temporal a Argentina sofria com a superlotação de suas cidades, em decorrência da quantidade de imigrantes que chegavam em busca de emprego nos centros industriais da capital argentina. Para tanto, o governo argentino juntamente com a academia de letras buscaram implantar o projeto denominado de pureza da língua, com o qual Arlt não concordava. Dessa forma, seus textos mantinham a linguagem dos setores marginalizados, assim como os temas de seus escritos.

Palavras-Chaves: Buenos Aires. Imigrantes. Linguagem. Roberto Arlt.

Resumen: El presente trabajo tiene por objetivo hacer una breve reflexión sobre la sociedad de Buenos Aires en los años 30 a 45 del siglo XX, teniendo en vista la vida y obra de Roberto Arlt. Durante este período de tiempo Argentina sufría con la superpoblación de sus ciudades, en consecuencia de la cantidad de inmigrantes que llegaban en busca de empleo en los centros industriales de la capital argentina. Por lo tanto, el gobierno argentino juntamente con la academia de letras buscaban plantear el proyecto denominado de pureza de la lengua, con o cual Arlt no concordaba. Así, sus textos mantenían la lenguaje de los sectores marginado, así como los temas de sus textos.

Palabras clave: Buenos Aires. Inmigrantes. Lenguaje. Roberto Arlt.

¹ Pós-graduanda em Literatura Latino-Americana na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande (Furg) contato: whipcut@gmail.com

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma contextualização sobre o escritor argentino Roberto Arlt, a linguagem utilizada em seus textos e os modismos de Buenos Aires. No desenvolvimento do mesmo é interessante apontar alguns acontecimentos históricos que influenciaram o estilo de escrita de Arlt e os temas de seus textos.

Em primeiro lugar será feita uma abordagem geral sobre Roberto Arlt, seguido de uma contextualização sócio-histórico de Buenos Aires e da Argentina. Por fim, a principal questão, a linguagem popular dos textos de Arlt, os motivos que o levaram a escolher o uso do coloquialismo e suas conseqüências na literatura e sociedade argentina.

1. Roberto Arlt (1900-1942)

Roberto Godofredo Christophersen Arlt foi um argentino, romancista, contista, cronista e dramaturgo, além de ser um dos mais representativos escritores argentinos do século XX. Seu pai, Karl Arlt, era alemão e sua mãe, Catalina Iobstraibitzer, italiana. Ambos chegaram a Buenos Aires com mais de trinta anos de idade e tiveram Roberto Arlt em 02 de abril de 1900, diferentemente de 07 ou 26 de abril, como ele costumava dizer, “Sea por desmemoriado o por negación freudiana o por el mero gusto de confundir la gente” (FLORES, 1984, p. 69).

Arlt, durante a infância e a adolescência não conseguiu manter-se em uma escola por muito tempo por não alcançar os objetivos que as escolas esperavam. Assim, após alguns anos ele se definiu autodidata, de modo que essa “perseguição” o acompanhou também em sua vida profissional até os 20 anos, quando ingressou no grêmio de periodistas de Buenos Aires. Esse acontecimento foi um verdadeiro achado em sua vida, pois abriu portas para a literatura, de tal forma que ele começou a publicar *cromos* policiais em Última hora, “epistolares” na revista

humorística *Don goyo* e logo em seguida *Aguasfueres Porteñas*². Antes de se mudar para Córdoba, em 1920, e voltar a Buenos Aires, Arlt já havia publicado o conto³ *Las ciencias ocultas en la ciudad de Buenos Aires* e desde 1919 trabalhava em uma obra maior⁴. O escritor revolucionou a literatura da época em especial no que se refere ao tratamento que dava tanto às questões sociais e políticas, como também aos aspectos estéticos de sua obra. Durante a década de 1932 a 1942, ano de sua morte, abandonou as narrativas e se dedicou quase por completo a escrever peças teatrais, a qual totaliza oito peças.

2. Arlt e a cidade

A Argentina sofreu com o Golpe de 30, principalmente com a superlotação das cidades devido às migrações do campo para o meio urbano, o qual originou os primeiros bairros periféricos das grandes cidades onde se desenvolviam processos de sociabilização e construção de identidades marcadas por uma linguagem própria. Para tanto, a maioria dos imigrantes buscavam melhores condições de vida e emprego nas pequenas indústrias instaladas nos centros das cidades, principalmente em Buenos Aires. Em conseqüência, a Argentina buscou implantar o projeto então denominado de pureza da língua.

“Para las clases dominantes la inmigración viene a destruir muchas cosas [...] destruye nuestra identidad nacional, nuestros valores tradicionales, etc. En la zona ligada a la literatura lo que se dice es que la inmigración destruye y corrompe la lengua nacional” (PIGLIA, 1980, p. 131-132).

Porém, ao compreender que essas pessoas faziam parte da construção da identidade nacional argentina, buscou utilizar em suas narrativas a linguagem do cotidiano, aproximando-se o máximo possível das linguagens faladas pelos setores socialmente marginalizados, isto é, escrevia da massa para a massa. Isso foi possível devido a junção dos seus dois trabalhos - jornalista e romancista - Arlt

² Produção particularmente significativa pelas características do gênero, pelo que representam como registro e micromodelo narrativo e pelos aspectos que tangem à língua em uso por parte dos setores sociais nelas tematizados.

³ *Las líneas ocultas en la ciudad de Buenos Aires* publicado em 28 de janeiro de 1919 na *Tribuna Libre*.

⁴ Arlt havia pretendido nomear a obra de *Vida Puerca*, mas modifica para *El juguete rabioso*, após sugestão de Ricardo Güiraldes. Em 1924 publica dois capítulos do livro e somente em 1925 publica a obra completa na *Editora Latina*.

percebeu a realidade social que o rodeava e, por isso, o social frequentemente está presente em seus textos, que analisam com cuidado os conflitos da época e narram sobre o mundo cotidiano da cidade e as condições de vida do setor popular, além de retratar uma cidade invadida pelo crescimento urbano e o efeito da industrialização: alienação. Com isso, retrata um espaço em conflito: modernizado *versus* tradicional, uma vez que até a alta sociedade, a qual ainda mantinha um pouco de tradicionalismo, afirmava suas diferenças a respeito da nova sociedade.

Portanto, não podemos deixar de perceber a aproximação dos textos de Arlt com essa nova sociedade argentina, ele era um fiel representante da classe excluída dos conhecimentos reconhecidos pela academia. Diferenciava-se da cultura de poder porque “hablaba de lo que no se hablaba en la literatura argentina, porque, como escritor, venía de otra parte” (Sarlo, 2004: 43).

3. Arlt e a linguagem popular

Enquanto o Estado e a Academia buscavam manter uma língua pura na Argentina, resgatar a identidade literária nacional e construir uma imagem perfeita do país, Arlt contribuía se oprimia a esse ideal, pois escrevia com a linguagem dos setores marginalizados, afinal acreditava que não havia como construir a identidade de um país sem o seu povo e por isso discordava da *pureza* da língua pregada pelo governo, acreditava em uma língua viva e em constante movimento. Para tanto, Arlt incorpora o *lunfardo*⁵ em suas obras como símbolo da mescla de linguagem que caracteriza esta cultura urbana de Buenos Aires, representando o homem da rua, o trabalhador, o tango e o idioma *porteño*. Conforme Kulikowski (1997), o uso que o autor faz do *lunfardo* é um desafio tanto à linguagem quanto aos puristas que na sua época defendiam a limpeza do idioma contra os neologismos, as expressões

⁵ Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE), o *lunfardo* é: 1. M. Fala originalmente empregada, na cidade de Buenos Aires e seus arredores, a população de classe baixa. Parte de seus vocábulos e locuções se incorporaram posteriormente na língua popular e difundiram no espanhol argentino e uruguaio.

populares e as deformações que sofria a língua peninsular nos países da América, especialmente na Argentina. (p. 56)

Esse debate lingüístico estava impregnado pelas questões políticas e ideológicas da época e em vista disso os escritores deviam optar por uma das formas e determinar seus estilos. Nesse sentido, a escolha do escritor por uma sintaxe popular refletiu na sua avaliação e o incomodo gerou diversas avaliações ruins perante a academia literária de Buenos Aires, sendo acusado de escrever mal e utilizar de forma incorreta a língua em seus textos. Essas acusações feitas pela academia eram o reflexo do posicionamento e das escolhas políticas de Arlt: enfrentar os padrões literários dominantes, defender as renovações que a língua escrita deveria passar e assim compreender uma realidade sociocultural em constante transformação. Conseqüentemente procurava uma linguagem popularizada, incorporada fortemente ao personagem urbano com sua língua particular, ou seja, que não é acadêmica e sim um espanhol misturado a outras línguas, principalmente os dialetos italianos dos imigrantes.

Nas crônicas arltianas repete-se a crítica ao formalismo antiquado, resgatando com forte ironia termos e expressões de origem popular, não somente as utilizadas nas cidades, mas também as do campo. Afirma ainda que os povos sem novas idéias para expressar não precisam palavras novas, mas povos em contínua evolução lançam palavras por todos os ângulos, ou seja, a língua é viva e está sujeita a transformações, caminha e cresce junto com seu povo.

4. Conclusão

No prólogo de seu terceiro romance, *Los lanzallamas* (1931), Arlt se defende daqueles que o acusam de escrever mal, “Se dice de mí que escribo mal. Es posible. De cualquier manera, no tendría dificultad en citar a numerosa gente que escribe bien y a quienes únicamente leen correctos miembros de sus familias” (Arlt, 2005, p. 7). O escritor ironiza com aqueles que se escandalizam com o conteúdo de seus textos “otras personas se escandalizan de la brutalidad con que expreso ciertas

situaciones perfectamente naturales” (p.7), pois existe a preocupação não somente com a ampliação da comunicação com os leitores, mas também de ruptura com os padrões estéticos da literatura na época: do belo e do bom gosto. No período da publicação desse livro a Argentina passava por mudanças históricas: restabelecimento das oligarquias, saída de Irigoyen, ditadura militar – e uma forte crise econômica, situação favorável para Arlt que em 1931 publica *Los lanzallamas*, com pouca repercussão no meio acadêmico, porém seu nome já havia sido popularizado na Argentina e o romance circulou muito mais que suas outras obras.

Segundo Candido (1987: 38-40) essa concepção de escrever bem ou mal seria uma “concepção engajada” no qual a literatura teria “o papel fundamental de estabelecer comunicação entre os homens” e Arlt apresenta-nos uma noção de estilo despojado, com ênfase na comunicabilidade com o leitor.

Ainda no texto *Los lanzallamas*, Roberto Arlt (2005) afirma que, “El futuro es nuestro por prepotencia de trabajo. Crearemos nuestra literatura, no conversando continuamente de literatura, sino escribiendo en orgullosa soledad libros que encierran la violencia de un “cross” a la mandíbula” (p. 8) com essa metáfora do “soco na mandíbula” resume as intenções de sua escritura: criar uma literatura que expresse a sociedade.

Referencial teórico

ARLT, Roberto. **Aguafuertes porteñas**. Buenos Aires: Losada, 1958.

_____. **Los lanzallamas**. Buenos Aires: Centro Editor de Cultura, 2005.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

FLORES, Ángel. **Narrativa Hispanoamericana 1816 – 1981: Historia y Antología, la generación de 1940 - 1969**. México D.F.: Siglo XXI, 1984.

GONZALES, Horacio. **Arlt: política y locura**. Buenos Aires: Colihue, 2008.

KULIKOWISKI, M. Z. **Seria cômico se não fosse trágico: o discurso grotesco de Roberto Arlt**. Tese (Doutorado em lingüística) – Setor de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SARLO, Beatriz. **La imaginación técnica: Sueños modernos de la cultura argentina**. Buenos Aires: Nueva Visió, 2004.

PIGLIA, Ricardo. **Respiración artificial**. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1980.